

CASA SEM CORPO: REFLEXÕES SOBRE O CORPO E OS TERRENOS VAGOS NA ARTE CONTEMPORÂNEA.

BARBARA CALIXTO DOS SANTOS¹
EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES (Orientadora)

¹ Universidade Federal de Pelotas – barbaracalixtods@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

O trabalho realizado “Casa sem corpo: Reflexões sobre o corpo e os terrenos vagos na arte contemporânea” é resultado do processo de criação instaurado durante os estudos apoiados pela bolsa de Iniciação Científica (PIBIP- AF/UFPe) do projeto de pesquisa ‘A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID-19, a partir do sul do Brasil’, sob orientação da Profa. Dra. Eduarda ‘Duda’ Gonçalves. O projeto tem como objetivo transformar a casa num continente de procedimentos que evidenciem um modo de mover-se singularmente, com acuidade aos processos de sensibilização dos sentidos e indução aos pensamentos divergentes em contexto de vulnerabilidade sanitária, ou seja, pensamento que recria, que desvia, que ilumina os exercícios banais e corriqueiros da casa em manifestações artísticas por meio de sons, movimentos corporais, verbais e imagéticos. A partir de levantamentos sobre produções artísticas e reflexões sobre o tema da casa e do espaço doméstico cotidiano na arte e motivada por questões pessoais desenvolvi dois trabalhos: uma escultura do corpo com cerâmica fria e uma intervenção urbana no terreno vago, na rua Alberto Rosa. Construí um protótipo de casa simplificado utilizando sarrafo e coloquei no espaço vago, onde antes havia uma casa. Assim, por meio da arte evidencio algumas inquietudes suscitadas por questões sociais, políticas e artísticas.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa em poéticas visuais e seus instrumentos orientam o trabalho artístico desenvolvido no que se refere à atenção aos modos de fazer, motivações e aspectos cognitivos do processo de criação.

Em 2020, ao olhar na janela de casa uma pessoa em situação de rua durante a pandemia do COVID-19 me questionei: “nós precisamos ficar em casa durante a pandemia para nos protegermos e as pessoas que não tem casa onde se protegerão?” Assim, em contato com estudos e pensamento sobre o espaço doméstico, a casa na arte iniciamos o levantamento bibliográfico com textos relacionados a políticas públicas de habitação, a casa e os objetos na arte, a cidade, os terrenos desabitados e a pandemia. Posteriormente, organizei uma

pasta com os textos no google drive e disponibilizei para participante dos estudos junto ao projeto de pesquisa e aos integrantes do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC.

A partir de motivação pessoal e vinculado à produção artística que comecei a instaurar me dediquei a pesquisa no google street view para saber se há muitas casas abandonadas e terrenos vagos próximos de onde eu moro, na casa do estudante da UFPEL, em Pelotas. Todas as imagens, informações foram salvas em uma pasta do google drive. Em seguida, comecei a intervir nas imagens das casas e dos terrenos por meio de bordados, inserção de palavras, de letras de músicas.

Depois iniciei a pesquisa sobre os dados quantitativos de pessoas em situação de rua no Brasil no site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e segundo os estudos a população de rua aumentou 150% desde 2012, ao saber disso comecei a pesquisar sobre as relações entre corpo e cidade e as experiências vivenciadas no espaço urbano, tendo em vista o conceito de “corpografias urbanas” de Paola Berenstein (2008).

Permeada pelas reflexões iniciei o desenvolvimento de trabalhos artísticos. O trabalho Corpo-Casa (Fig. 1) é uma miniatura de um corpo humano escultórico, com formas orgânicas e a cor asséptica da cerâmica fria que contrasta com o cinza da rua, o corpo não tem um gênero específico e olhos; nariz, boca e ouvido. É um corpo sem fisionomia. Está em posição fetal e possui duas casas em cima. Eu fotografei em lugares próximos de onde eu moro como canteiro com mato, no chão de terra, em cima de pedras e por fim, na rua. A ideia de fazer uma casa tridimensional (Fig. 2) surgiu a partir da proposta de uma representação de uma casa bordada no papel, logo eu queria saber o que aconteceria se eu fizesse uma casinha de madeira no terreno. Primeiro eu fiz um projeto memorial descritivo e em três dias montei a casa de madeira dentro de casa para saber se faltam peças ou se tinha alguma possibilidade da casa cair, nesse processo aprendi a usar algumas ferramentas de construção que até então quando era criança só olhava os meus tios, homens usando. O terreno que achei e escolhi para fazer a montagem e inserção da “Casa” estava localizado na rua Alberto Rosa, no centro da cidade de Pelotas. Ao chegar no local observei que tinha resquício de uso, parecia que alguém estava cuidando daquele vão entre duas casas, porque o mato não estava alto e provavelmente faziam fogueira ali para se aquecerem. Tirei algumas fotos da casa no espaço e fui embora e no dia seguinte a casa não estava mais lá.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das referências que se aproxima do meu trabalho, artistas que dedicaram as concepções corporais, aspectos plurisensoriais e a ativação dos sentidos. Sendo assim encontro no trabalho a “A casa é corpo” de Lygia Clark (1968) um mote para refletir sobre a casa que não tem corpo. Clark, nos anos 60 propunha aos participantes de suas proposições as experiências sensoriais de penetração, ovulação, germinação, expulsão dentro de uma instalação que representava o

corpo. No trabalho “Corpo-Casa” (Fig. 1) eu pretendo representar a invisibilidade de pessoas que não tem uma casa de concreto para habitar e na maioria das vezes, infelizmente, o que poderia ser teto, paredes e fios de eletricidade, acabam sendo peles e veias nas ruas da cidade. As casinhas em cima do corpo representam o sonho de muitos(as) brasileiros(os).

No texto “O corpo utópico” o filósofo Michel Foucault (2003) revela:

“Corpo incompreensível, penetrável e opaco, aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível – porque sei muito bem o que é ser visto por alguém de alto a baixo, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreendido quando menos espero, sei o que é estar nu. Entretanto, esse mesmo corpo é também tomado por uma certa invisibilidade da qual jamais posso separá-lo”



Figura 1. Corpo- Casa, 2021, registro da autora.

Ao olhar o trabalho “Os penetráveis, 1961-1980” de HÉLIO OITICICA noto que estamos habitando muitos cantos e centros da cidade e não percebemos onde estamos inseridos e como são esses espaços e ao caminhar pela cidade percebi que existem muitas casas sem corpos como igualmente corpos sem casas. No trabalho Casa sem corpo (fig.2) faço uma provocação no terreno desabitado com uma casa de farrapos que não possui paredes, ou seja, é só o esqueleto de uma casa, que em paralelo me lembra muitos esqueletos de casas na cidade de Pelotas. Após a montagem durante o tempo que estive no terreno até então ocupado, muitas pessoas olharam a casa ali, inclusive percebi que alguns olhares pareciam estranhos. No dia seguinte o trabalho não estava mais ali, porém percebi que nas paredes daquele terreno tinha uma marca de uma possível casa que existiu ali. Os vizinhos ficaram olhando até a hora que eu fui embora e lembrei de uma citação do livro que li recentemente da arquiteta Maria Helena Bernardes (2003, p. 32)

“De início, eu as chamava vagas por serem espaços vazios, mas logo, ampliei esse conceito pela experiência com os passantes, que se referiam a elas de forma invariavelmente periférica: “Por que a senhora olha tanto para isso se não tem nada aí?”. Comecei a pensar que algo estava errado, como se as vagas fossem, em si mesmas, um desvio. Eu via nitidamente o que via, mas as

“pessoas se inquietavam com o fato de eu olhar para algo que elas também viam, mas que, segundo elas, não existia. Eu ficava surpresa com essa referência tão clara a algo que não era nada.” BERNARDES, 2003.



Figura 2. Casa sem corpo. Intervenção urbana 2021

4. CONCLUSÕES

A pesquisa está em andamento, sendo assim indico que trabalhos como a Casa sem corpo serão realizados e inseridos em locais públicos, como uma maneira de convocar as pessoas a olhar para os terrenos vagos e para as casas que ali não abrigam. Por meio da arte e está sendo inserida nos espaços urbanos e nas exposições online, é possível explorar um problema na sociedade que está aumentando muito desde 2012 e durante a pandemia tornou-se mais visível nas rua da cidade nos últimos anos, que é a falta de direitos previsto na constituição e um desses direitos é a moradia. Igualmente, serão aprofundadas as reflexões a partir de referências a artistas que representam aspectos sobre as pessoas em situação de rua, os modos de habitar e de viver nas cidades pandemizadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Maria Helena. **Vaga em Campo de Rejeito**. São Paulo: Escrituras, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Editora N-1 Edições, 2013.

BERENSTEIN, Jacques, Paola **Corpografias Urbanas**. Revista Arquitectos, São Paulo, 08 de fev. 2008. Online. Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos> Acessado em 03 ago 2021.